

# FRANCISCO, UM PAPA PARA ALÉM DO SEU TEMPO UMA DEMONSTRAÇÃO DA INTELIGÊNCIA SENCIENTE

*FRANCIS, A POPE BEYOND HIS TIME: A DEMONSTRATION OF SENTIENT  
INTELLIGENCE*

*Ronaldo Contin Della Nina<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo discute a ação do Papa Francisco por ocasião do seus 10 anos de pontificado, com a intenção de mostrar que ele está muito além da sua época, não por diferenciais comuns ou virtudes pessoais, mas por uma questão estrutural que o filósofo contemporâneo Xavier Zubiri chamou de inteligência senciente, que, depois de milênios consegue unir o sentir e o inteligir como único ato de conhecimento.

**Palavras-chave:** Papa Francisco. Dez anos. Zubiri. Inteligência senciente.

**Abstract:** This article discusses the action of Pope Francis on the occasion of his 10 years of pontificate, with the intention of showing that he is far beyond his time, not by common differentials or personal virtues, but by a structural issue that the contemporary philosopher Xavier Zubiri called sentient intelligence, which, after millennia, manages to unite feeling and intelligence as the only act of knowledge.

**Keywords:** Pope Francis. Ten years. Zubiri. Sentient intelligence.

## **Introdução**

Em março de 2013, sob os aplausos de centenas de representantes do mundo inteiro o argentino jesuíta Jorge Mario Bergoglio foi eleito pelos cardeais que compunham o conclave para ocupar a cátedra de São Pedro após a renúncia de Bento XVI. Assim foi o primeiro latino-americano a se tornar papa. Numa referência a São Francisco de Assis, que dizem ter sido por sugestão do Cardeal brasileiro Claudio Humes, assenta-se na Cátedra de São Pedro um Papa com o nome de Francisco.

Suas atitudes desde o primeiro momento foram inéditas para um papa como até então não se conseguia imaginar. Além de inclinar-se para receber a bênção do povo que lotava a Praça de São Pedro, Francisco adotou sua identidade como Bispo de Roma, o que na verdade são os papas, mas não se tem notícia que algum outro papa que frisasse tanto esse aspecto eclesial e teológico-litúrgico. Então viu-se logo que era uma postura do “ser”, fruto de uma eclesiologia madura e de acordo com o Concílio Vaticano II.

---

<sup>1</sup> Mestrando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo / SP – Brasil. E-mail: rmina@usp.br

Então tínhamos agora um papa alinhado ao Concílio II. Isso soou como uma boa notícia para os que estavam preocupados com uma oposição conservadora sistemática e agressiva cada vez mais aberta. Tendo passado mais de meio século, para os que viveram o pós-concílio desde o início, parecia muito estranho que a resistência ao Concílio Vaticano II cada vez mais se fortalecesse.

Evidentemente, essas primeiras posturas ganharam apoio e admiração internacional, mas, também um silêncio obsequioso dos que mais tarde não demoraram a alinhar-se numa fileira de oposição, tanto no interior como no exterior da Igreja Católica.

## **1. Francisco muito além de seu tempo**

O que queremos salientar, neste artigo, é uma questão de fundamental importância a nosso ver. É que Francisco está muito à frente do seu tempo. Por isso seus gestos não são fortuitos nem puramente resultado de um temperamento pessoal ou demonstrativo de virtudes e méritos, mas fazem parte de uma inteligência, que a partir do filósofo contemporâneo Xavier Zubiri está entrando na pauta do dia e, segundo nosso modo de ver, vai determinar o futuro da humanidade e da Igreja com um novo modo de pensar e viver. A esta inteligência Xavier Zubiri chamou de “inteligência senciente”, cuja marca característica é que ela vincula de modo estrutural o inteligir e o sentir, o pensar e o sentir, refazendo uma ruptura que nunca deveria ter existido na história da humanidade.

O pensador Xavier Zubiri, autor desta expressão “inteligência senciente” estudou a vida inteira para retratar com o maior rigor possível em toda a sua abrangência esta forma de conhecimento que significa a superação de todos os racionalismos, idealismos e abismos dualistas que compuseram o modo de pensar e de agir em nosso mundo atual, tendo suas raízes já no pensamento grego. Assim Zubiri busca a definição da questão com palavras muito pontuais:

Ao longo de toda a sua história, a filosofia tratou muito detidamente dos atos de intelecção (conceber, julgar, etc) em contraposição aos diferentes dados reais que os sentidos nos fornecem. Uma coisa dissemos é sentir, outra é inteligir. Esse enfoque do problema da inteligência contém, no fundo, uma afirmação: inteligir é posterior ao sentir, e esta posterioridade é uma oposição. Foi a tese inicial na filosofia desde Parmênides, que veio gravitando imperturbavelmente, com mil variantes ao longo de toda a filosofia europeia<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, São Paulo: É realizações, Prólogo III.

Não sabemos se o Papa Francisco conhece Zubiri. O único que sabemos é que ele citou Zubiri em um documento sobre o chamado à santidade *Gaudete et exultate*, onde ele diz: “não é que a vida tenha uma missão, mas a vida é uma missão.<sup>3</sup> Ter uma missão parece algo que não está completamente assimilado no domínio do sentimento. Parece algo que um dia possa ser descartado, como se não fosse realidade da nossa própria vida. Justamente no pensamento de Zubiri o ser é ulterior à realidade, porque está fundado nela e como tal é intrinsecamente sustentado pela realidade, pois temos a certeza que ao longo dos escritos de Francisco esta tônica de uma inteligência senciente é muito visível, embora não vamos tratar esta questão como uma tese, a ser desenvolvida, pois estamos apenas no contexto de um pequeno artigo. Podemos, portanto, afirmar que nos seus escritos transparece visivelmente que o conhecimento que Zubiri chamou de inteligência senciente é facilmente identificado nas obras de Francisco. Esse tipo de inteligência constitui, a nosso ver, o maior achado do filósofo em toda sua pesquisa ao longo de uma vida inteira. É um neologismo muito<sup>4</sup> significativo para expressar um conhecimento que não separa sentir e inteligir como faculdades distintas e até opostas.

Esta separação entre sentir e inteligir trouxe enormes danos sobretudo ao Ocidente, que foi o protagonista de um racionalismo que fez do sentir o “primo pobre” da possibilidade do conhecimento e inflou o ego humano com teorias do conhecimento que colocaram o sentimento sob suspeita. Como diz Tavares:

Zubiri pensa de um ponto vista da descrição fenomenológica, apontando uma possibilidade de apreensão primordial da mente em relação ao real que tudo o que é pensado é ao mesmo tempo sentido e o que é sentido é pensado. Dessa forma não apenas os erros da história da metafísica seriam as consequências naturais dessa separação como também o caminho para a filosofia do século XX não seria o de desistir de um conhecimento de cunho metafísico<sup>5</sup>.

A filosofia moderna faz ver que o Ocidente está em crise e deixou a metafísica desarticulada. As palavras de Tavares nos fazem perceber que nos falta a visibilidade de um pensamento do real, numa época em que isto já não parece possível. Quando Zubiri busca retomar o termo realidade e sustentar a possibilidade de um conhecimento rigoroso desta, nada contra a corrente.

---

<sup>3</sup> ZUBIRI, Xavier, **Naturalza, historia, Dios**. Madri: Fundación Xavier Zubiri, 1999, p. 427.

<sup>4</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p. 5.

<sup>5</sup> TAVARES, Renata. **Uma filosofia do real depois de Heidegger: O caminho fenomenológico de Xavier Zubiri**: Las Vegas: Novas Edições acadêmicas, 2023, p. 13

O século XX é caracterizado por uma crença generalizada de que o acesso ao real é impossível, seja como consequência de uma radicalização do ceticismo moderno, seja como recepção dos problemas que a fenomenologia de Husserl nos legou<sup>6</sup>.

E quais seriam os problemas que a fenomenologia de Husserl nos legou? “Ao rejeitar a ideia de ato de uma faculdade, a filosofia não fez senão substantivar o ‘dar-se conta’, fazendo da intelecção um ato de consciência”<sup>7</sup>. Mas, “isto não corresponde aos fatos”, diz Zubiri<sup>8</sup>.

Na inteligência senciente, sentir e inteligir são um ato único estruturalmente indivisível. E como Zubiri trabalha livremente com neologismos, cunhou outra expressão para denominar uma forma de conhecimento que chamou de inteligência concipiente, totalmente fundada em conceitos que se sustentam uns nos outros sem base alguma na realidade. Como diz Tavares, “A postura de Zubiri acerca da metafísica não é um retrocesso e, sim uma possível chave para o pensamento do futuro”<sup>9</sup>.

## 2. A verdade real

Uma das coisas mais significativas que a inteligência senciente legou ao pensamento humano é a “verdade real”. Não tem nada a ver com a *adequatio* da escolástica. Pura e simplesmente é a verdade da “coisa”. Coisa aqui é uma palavra que para Zubiri tem o sentido trivial e não tem nada do que chamamos de “coisismo”. Por trás desse coisismo há uma preocupação de salvaguardar a dignidade humana do redutivo da coisificação. Zubiri explica: “Aqui emprego ‘coisa’ em seu sentido mais trivial como sinônimo de algo”<sup>10</sup>. O homem precisa reconhecer que a coisa enquanto realidade tem sua verdade própria. Outros autores usam o termo coisa com tranquilidade. Claro que a verdade tem outras dimensões e até vertentes diferentes segundo os modos superiores do conhecimento: o *logos* e a razão. O *logos* permite o conhecimento de uma coisa entre outras que ficam num único campo de realidades. E a razão como modo superior mais profundo permite se chegar ao topo do conhecimento tendo estabelecido uma “marcha” para atingir maior profundidade possível. Mas se não partimos da verdade real, tudo o

---

<sup>6</sup> TAVARES, Renata. **Uma filosofia do real depois de Heidegger**, p. 11.

<sup>7</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p. 4.

<sup>8</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p.5.

<sup>9</sup> TAVARE, Renata, **Uma filosofia do real depois de Heidegger**, p. 17

<sup>10</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p.3.

mais pode resultar em meros conceitos vazios que não têm verdade alguma de forma sustentável.

Para Francisco afirmar que “o clima é um bem comum” (LS 23)<sup>11</sup> é necessário uma inteligência senciente a qual sente e entende a realidade e, por isso, respeita sua verdade real. Certamente não vai entender o Papa Francisco quem profere conceitos sem sentir sua realidade nem sua verdade real. São conceitos vazios sem base sólida, ou seja, sua verdade real.

A verdade real é um ponto alto da inteligência senciente, porque, sendo a verdade da coisa, não está sob nosso julgamento. Somente a partir do *logos* e razão, como foi dito é que podemos estabelecer um juízo, que é importante para a própria verdade. Mas quando passamos por cima da verdade real, a verdade como um todo está prejudicada. É com esta visão que Francisco analisa as questões mais candentes da atualidade como, por exemplo, as questões climáticas. Não se trata de nenhuma abstração conceitual. Quando lemos a *Laudato si*, nos sentimos mergulhados na realidade representada por estas questões. Por isso Francisco não doa a pílula nem fala nas nuvens o que deve ser dito aqui e agora. Aí há problemas de recepção das mensagens de um papa que tem uma visão clara da missão da Igreja e um tom real dos problemas que hoje apresentam sua gravidade, não com conceitos abstratos, mas com o impacto da realidade “nua e crua” e sua verdade real.

### 3. As abstrações

Outro elemento importante da inteligência senciente é não se fundamentar em abstrações, mas na realidade mesma. Um exemplo claro que o Papa Francisco nos dá é quando no início da Carta Apostólica *Misericórdia et Misera* (MM), ao falar do encontro da mulher adúltera com Jesus Cristo (Jo 8,9), afirma: “No centro não temos a lei e a justiça legal, mas o amor de Deus, que sabe ler no coração de cada pessoa, incluindo o seu desejo mais oculto e que deve ter<sup>12</sup> a primazia sobre tudo. Entretanto nessa narração evangélica, não encontramos o pecado e o juízo de forma abstrata, mas uma pecadora e o Salvador (o grifo é nosso)”<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup>[https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_encyclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html), acesso em 31 de março de 2013

<sup>12</sup> FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n° 142

<sup>13</sup> FRANCISCO, *Carta Apostólica Misericórdia et Misera*, São Paulo: Paulinas 2016, n° 1.

Essa é a forma como Francisco orienta os seus textos, que não são abstrações, mas realidade viva com um dinamismo real. Não fica longe desse critério, quando Francisco fala da homilia: “Compete ao pregador fazer sentir este gosto do Senhor a seu povo (grifo é nosso).<sup>14</sup> Nesta mesma linha, diz Francisco ainda no contexto da homilia: “Comunicar a certeza de que Deus nos ama não é um exercício de retórica, mas condição de credibilidade do próprio sacerdócio”<sup>15</sup>. Ainda falando da homilia, Francisco diz: “não se trata de verdades abstratas ou de silogismos frios” (grifos nossos). Então o Papa Francisco se encaixa perfeitamente no quadro da inteligência senciente, em que sentir e inteligir são um único ato inseparável. E destaca-se a modalidade da inteligência senciente, que tem três modos de apreender a realidade, sendo o primeiro a apreensão direta, imediata e unitária. É a maior resposta que Zubiri dá à crise da filosofia moderna, que como foi dito, leva à negação de que não podemos chegar à coisa real de modo direto e irreversível. Estabelece-se a crise do conhecimento, que neste contexto vai em busca de mediações para criar sua possibilidade.

Poderíamos percorrer os documentos de Francisco e identificar essa postura de uma inteligência senciente claramente. Porém não é nosso objetivo neste trabalho, porque não é uma tese, mas apenas uma demonstração do perfil do Papa Francisco, que nestes dez anos de seu pontificado não fugiu à regra de uma inteligência senciente que agradou a muitos, mas também desagradou a outros; e entre estes muitos se manifestaram impiedosamente. Mas Francisco soube remar o barco com sabedoria e, porque não, com santidade. Também não é nosso objetivo aprofundar a resistência que enfrentou o Papa com galhardia e fé.

Fazemos questão, agora, de mostrar o caminho do filósofo que deu a vida para definir o que é a inteligência senciente e como a filosofia por milênios moveu-se dentro de uma inteligência concipiente, gerando as dificuldades que sobretudo o Ocidente enfrenta hoje, e precisa terminantemente superar, pois a dificuldade de sentir atingiu a juventude que está pedindo socorro por não sentir mais a vida<sup>16</sup>. Também não vamos aprofundar isto neste trabalho, mas basta afirmar que há certas canções populares em que se pede socorro para sentir alguma coisa quando não se sente mais nada diante do patamar em que estamos.

---

<sup>14</sup> FRANCISCO, *Exortação Apostólica EVANGELI GAUDIUM*, n.º 141

<sup>15</sup> FRANCISCO, *Exortação Apostólica EVANGELI GAUDIUM*, n.º 142

<sup>16</sup> Analise a melodia popular “Socorro”, de Claudio Antunes.

#### 4. A realidade em Zubiri

Zubiri descreve sua compreensão sobre a realidade nos seus mais diversos escritos. Usaremos o dito no seu pensamento maduro, isto é, da trilogia da inteligência Senciente (*Inteligência e Realidade, Inteligência e Logos, Inteligência e Razão*), precisamente do primeiro volume, *Inteligência e Realidade*, que descreve a inteligência senciente com mais insistência e clareza. Sabemos o quanto Zubiri se debateu para chegar a este ponto tão decisivo do seu pensar que legou à humanidade, a nosso ver, como um tesouro de inestimável valor.

O termo realidade é decisivo no pensamento de Zubiri. Segundo Bernardes, foi o contato com A. Einstein e Schroedinger e “outros grandes pensadores da física contemporânea [que] ofereceu a Zubiri uma noção decisiva: a *realidade*”<sup>17</sup>. Vejamos como Zubiri compreende a realidade, fruto da busca incansável de um pesador primoroso e fiel. Todos os pensadores falam sobre a realidade, mas não se debruçam para mostrar o que realmente é isso,

Para ele a *intelecção*<sup>18</sup> é um ato de *apreensão*. Na *apreensão*, enquanto tal, se distingue a índole essencial do *inteligir* e do *sentir*. Assim nos permite falar de *apreensão sensível* (sentir), que é comum ao animal e ao homem. Existem dois *modos* de *apreensão sensível*: *apreensão de estimulidade* (própria dos animais) e *apreensão da realidade* (própria do humano). (Grifos nosso). “O sentir humano é essencial e formalmente impressão de realidade”<sup>19</sup> Essa impressão é um ato de apreender. Este apreender enquanto ato de impressão é um ato de sentir. “Como apreensão de realidade, esse ato é formalmente o ato que chamamos de *inteligir*. [...] *Inteligir* consiste formalmente em apreender algo como real”<sup>20</sup>, e é algo exclusivo da inteligência (grifo do autor).

Isso é determinante! Para Zubiri *inteligir* e *sentir* são dois momentos do ato único de apreender sencientemente o real. “Sentir algo real é formalmente estar sentindo intelectivamente”: *Inteligência senciente*<sup>21</sup>. O ato formal da *intelecção* senciente é *apreensão impressiva da realidade*, isto é, o objeto é dado na própria inteligência. Dizer isso significa que a inteligência senciente tem um objeto formal próprio que é a realidade.

---

<sup>17</sup> BERNARDES, *Introdução a Xavier Zubiri*, p.13

<sup>18</sup> Esses termos destacados por nós são determinantes no pensamento de Zubiri. Mas evitaremos descrever cada um deles para não correremos o risco de alongamento do texto. Para maior precisão dos termos, consulte o primeiro volume da Trilogia *Inteligência Senciente Inteligência e Realidade* p. 3-136.

<sup>19</sup> ZUBIRI, *Inteligência e realidade*, p. 49.

<sup>20</sup> ZUBIRI, *Inteligência e realidade*, p. 50.

<sup>21</sup> ZUBIRI, *Inteligência e realidade*, p. 56

Inevitável as repetições, mas é necessário dizer que a intelecção senciente é apreensão impressiva de algo como real; o próprio do real inteligido é *estar* presente na impressão de realidade. “‘Estar’ é um momento próprio da própria coisa; é ela que está”<sup>22</sup>, e estar presente como mera *atualidade* na inteligência senciente. Atualidade é “estar presente desde si mesmo como real [...]. Ao sentirmos impressivamente uma coisa real como real, estamos sentindo que ela está presente desde si mesma em *seu próprio* carácter de realidade”<sup>23</sup>. Esse *em próprio* é o que Zubiri chama de *de suyo*<sup>24</sup>, (grifo nosso) expressão tão cara para o pensamento zubiriano. “O apreendido é ‘em próprio’, isto é, é ‘de seu’ na apreensão, mas antes da apreensão; é apreendido, mas justamente como algo anterior à apreensão”<sup>25</sup>.

Dito isto nos faz ver, pela ideia de intelecção senciente como mera atualização impressiva do real como real, que a compreensão de realidade de Zubiri é muito diferente do que se compreendeu em toda filosofia.

Realidade é “uma formalidade de alteridade do apreendido sencientemente. E este momento consiste em que o apreendido fica na apreensão como algo ‘em próprio’, algo ‘de seu’. Reidade ou realidade é formalidade do ‘de seu’”<sup>26</sup> Para sermos mais precisos digamos com as palavras do próprio filósofo basco.

Esse “de seu” é o momento segundo o qual o apreendido “já” é o que é apreendido. O “já” expressa a anterioridade formal do apreendido com respeito a seu ser apreendido; é o *prius*. Em razão disso, a formalidade de realidade nos instala no apreendido como realidade em e por si mesma, isto é, desde uma inteligência senciente, sendo:

- 1º - Realidade é algo sentido; é uma formalidade de alteridade;
- 2º - Esta formalidade é o “de seu”;
- 3º - É o mais radical da própria coisa. E isso é essencial.

---

<sup>22</sup> ZUBIRI, **Inteligência e realidade**, p. 97

<sup>23</sup> ZUBIRI, **Inteligência e realidade** p. 100, (grifo do autor).

<sup>24</sup> Bernardes explica o uso desse termo dizendo que “Opta-se por manter a expressão *de suyo* em espanhol. Trata-se de uma expressão muito difícil de ser traduzida, como é possível ler na ‘Nota à edição brasileira da trilogia *Inteligência Senciente*’. O tradutor da edição brasileira optou por ‘de seu’; em Portugal, os tradutores de Zubiri optaram por ‘de si’. Assim como o *dasein* heidggeriano permanece em alemão como termo técnico de seu pensamento filosófico, o *de suyo* pode permanecer em espanhol como termo técnico do pensamento filosófico zubiriano” (2022, p. 17, nota de rodapé 2). Neste trabalho manteremos o uso do *de suyo* quando for palavras nossas. Nas citações da edição brasileira deixaremos como está, *de seu*.

<sup>25</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p. 100.

<sup>26</sup> ZUBIRI, **Inteligência e realidade**, p. 138.

Isso significa que a realidade não coincide com existência. A existência é um momento da realidade; ser real é anterior à existência. Anterioridade aqui não tem nada a ver com temporalidade, mas na ordem de fundamentação formal. Para Zubiri a inteligência concipiente escorregou exatamente no momento do ‘*de suyo*’ e se lançou na metafísica da realidade como existência.

Realidade, porém, é algo intelectivamente sentido nas coisas: é ‘sentido’ e o é *na* coisa. O assim sentido nela é um ‘em’ *prius*; portanto, esta prioridade intrínseca é o momento radical da própria coisa. A coisa enquanto determinada em formalidade de realidade é constitutivamente coisa real: é o real<sup>27</sup>.

### **Considerações finais**

A questão da realidade foi um tema axial para nosso filósofo basco, a fim de poder chegar à definição da inteligência senciente. Nesta o ser humano sente e entende a realidade em seus modos de apreensão primordial, em logos e em razão. É justamente em logos e em razão que se pode compreender a realidade conceitualmente, pois o poder de conceituar é um dom humano. Mas se trata de ter a realidade como fundamento de todo e qualquer conceito, que sem isso ficaria sem base alguma como que solto no ar. E foi isto que foi levando a humanidade a uma crise que já aparece no mundo grego de forma quase inocente com a separação entre sentir e entender. São coisas que não mostram sua gravidade logo no início, mas vão pouco a pouco indo em frente como se fosse normal.

Então podemos dizer que Francisco em seus dez anos de pontificado marcou profundamente a história da Igreja e do mundo, já com um lastro de conteúdo, de questionamentos e de respostas que mexeram com a história como poucos papas fizeram.

Neste artigo pretendemos mostrar que em dez anos o Papa Francisco foi mais longe do que se podia imaginar, uma vez que, segundo nosso ver, ele está engajado em uma inteligência senciente, que é a fina flor do pensamento atual protagonizado pelo filósofo basco Xavier Zubiri. Toda a sensibilidade para com a vida, a questão do clima e a busca de superação de um antagonismo que nos coloca contra a natureza só pode ser possível se o sentir e o entender estiverem vinculados, como sempre foram antes que o racionalismo e o idealismo abrissem as comportas da dúvida do acesso direto às coisas

---

<sup>27</sup> ZUBIRI, Xavier, **Inteligência e realidade**, p. 141.

enquanto realidade. Nesse contexto o homem se isolou e deixou de sentir a vida fluir com a beleza da possibilidade que foi colocada em nossas mãos.

Aí então, a verdade real foi respeitada como verdade da coisa e não de nossas interpretações. Interpretar é preciso, mas interpretar o que e sobre o que? A filosofia moderna perdeu a mão, enchendo de dúvidas com respostas muito vacilantes, justamente o caminho ficou confuso. Certezas falsas pioram a questão. O refrão de Zubiri soa como um alívio: “não é assim que as coisas acontecem”. Ajuda o mundo moderno a acreditar no conhecimento indígena, por exemplo, na sensibilidade dos pobres, que não se opõe ao conhecimento científico, mas pode mostrar suas insuficiências e daí sua constante revisão e aprimoramento.

Nestes dez anos de pontificado de Francisco vimos o Papa ir ao encontro dos mais desfavorecidos da humanidade, mas se percebia que eram intentos de mostrar uma verdade que é vital para a sobrevivência da humanidade, verdade pela qual o Cristo morreu para ressuscitar gloriosamente no terceiro dia, restabelecendo a confiança que vai levar toda a criação para frente, amparada por uma esperança factível.

A inteligência senciente, que ao nosso ver, constitui a inteligência do Papa Francisco, deu a oportunidade para alguém que agora tem o poder de falar ao mundo inteiro, sem florear nada, mas indo ao ponto da questão mesma.

A Igreja jamais esquecerá este homem que diz o que pensa e não se cala por atitude diplomática. Assim nos faz entender que o amor supera todos os males e nos faz entender com isso que é mais forte do que a morte. Então o Cântico dos Cânticos mostra que a poesia se abraça com a Verdade e se torna um poderoso instrumento de salvação.

## **Referências**

- BALTHASAR, H. U. V. **Meditar como cristãos**. 1. ed. Aparecida: Santuário, 2004.
- BECKÄUSER, A. **Comunicação Litúrgica**: presidência, homilia, meios eletrônicos. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BÉGUERIE, P.; BEZANÇON, J.-N. **A missa de Paulo VI**: retorno ao coração da Tradição. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.
- BELLOSO, J. M. R. **Os sacramentos símbolos do espírito**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2008.
- BENEDITO, A. L. **A sacramentalidade da Palavra de Deus**. Uma aproximação entre a mistagogia de Ambrósio de Milão e a Constituição Sacrosanctum Concilium. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2022.
- BENKE, C. **Breve história da espiritualidade cristã**. 1. ed. Aparecida, SP: Santuário, 2011.
- BERNARD, C. A. **Introdução à teologia espiritual**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

- BERNARDES, M. S.. **Introdução a Xavier Zubiri**: Pensar a realidade. São Paulo: Paulus, 2022. Coleção. Como ler filosofia.
- BERNARDES, M. S.. Prefácio. VALERIANO, S. C.; BERNADES, M. S.; NEVES, M. C. (org.). **Xavier Zubiri**: interfaces. São Paulo: Ideias & Letras, 2020.
- BIANCHI, E. **Presbíteros**: palavra e liturgia. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2010.
- BIFFI, I. **Liturgia, sacramentos, festas**. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2022.
- BONACCORSO, G. **Il rito e l'altro**: la liturgia come tempo, linguaggio e azione. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012.
- BORÓBIO, D. **Celebrar para viver**: liturgia e sacramentos da Igreja. 1. Ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- BOSELLI, G. **O sentido espiritual da liturgia**. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2017.
- BRADSHAW, P. F. **Alle origini del culto cristiano**. fonti e metodi per lo studio della liturgia dei primi secoli. 1. ed. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2007.
- BUCCIOL, A. Liturgia, vida da Igreja. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2020.
- CADERNOS DE LITURGIA 9. **Liturgia e subjetividade**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- CAMBRES, G. G. **Zubiri y Dios**. 1 ed. Málaga: EDIFORD, 1993.
- CASTELLANO, J. **Liturgia e vida espiritual**: teologia, celebração e experiência. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CASTILLO, J. M. **Espiritualidade para insatisfeitos**. 2. ed. São Paulo, Paulus, 2012.
- CENTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA. **A arte de celebrar**: guia pastoral. 1. ed. Brasília: CNBB, 2015.
- CESCON, E. **Uma introdução ao pensamento filosófico-teológico de Xavier Zubiri (1898-1983)**. Síntese, **Belo Horizonte: FAJE**, v. 31, n. 100, p. 239-282, mai./ago. 2004.
- CHAUVET, L.-M., **Symbole et Sacrement**: une relecture sacramentelle de l'existence chrétienne. 1. ed. Paris: Les Éditions du Cerf, 2011.
- CHITTISTER, J. **Para tudo há um tempo**: sabedoria do Eclesiastes para compreender o sentido da vida. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CHUPUNGCO, A. J. **Liturgie del Futuro**. 1. ed. Genova: Marietti, 1991.
- COLA, G. C. **O Sacramento-Assembleia**. Teologia mistagógica da comunidade celebrante. 1. ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes e PUCRIO, 2020.
- COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A LITURGIA CNBB. **Liturgia**: fonte e ápice da vida e ação da Igreja. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2019.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2009.
- CORBON, J. **Liturgia alla sorgente**. 1. ed. Magnano: Edizioni Qiqajon, 1990.
- COSTA, V. S. **Encontro com Deus na Liturgia**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- COSTA, V. S. **Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.
- FRANCISCO, **Carta Apostólica Misericórdia et misera**, São Paulo: Paulinas 2016.
- FRANCISCO, **Exotação Apostólica Gaudete et exultate**, sobre o chamado à santidade no mundo atual, São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, **Exotação Apostólica Evangelii Gaudium**, São Paulo: Paulinas. 2013
- GARCÍA, J. J. **Inteligencia Sentiente, Reidad, Dios**: nociones fundamentales en la filosofía de Zubiri. Cuaderno de Pensamiento Español, N° 30, 2006. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/7121/1/30.pdf>. Acessado em 30 mai. 2022.

GRACIA, D. Xavier Zubiri (1898-1983). SECRETAN, P. (org.). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri (1898-1983): por uma filosofia de realidade**. São Paulo: É Realizações, 2014.

TAVARES, R. **Uma filosofia do real depois de Heidegger: O caminho fenomenológico de Xavier Zubiri**: Las Vegas: Novas Edições acadêmicas, 2023.

ZUBIRI, X. **Inteligência e logos**, São Paulo: É realizações, São Paulo, 2011

ZUBIRI, X. **Inteligência e razão**, São Paulo: É realizações, São Paulo: 2011

ZUBIRI, X. **Inteligência e realidade**, São Paulo: É realizações, Prólogo Iiii.

ZUBIRI, X. **Inteligência e realidade**, São Paulo: É realizações, 2011

ZUBIRI, X. **Inteligência e Realidade**. Prefácio de José Fernández Tejada e tradução de Carlos Nougué. É realizações Editora, 2011.

ZUBIRI, X. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É Realizações, 2010.

ZUBIRI, X. **Naturaleza, historia, Dios**. Madrid: Fundación Xavir Zubiri.1999.

*Recebido em: 27/09/2023*

*Aprovado em: 04/12/2023*